



BOCA DO POVO



OMAR PERES

omarperes.blogspot.com

Crise em Momo

Uma passada pelas lojas que trabalham com tecidos e artigos carnavalescos é suficiente para mostrar que as vendas estão baixas, muito aquém do que seria normal esperar nestes dias que antecedem a chegada de Momo. Vê-se que o carnaval não terá máscaras suficientes para esconder as feridas da crise, mesmo com a esperança de que o movimento de vendas melhore um pouco a partir de hoje, dia em que muita gente recebe o salário.

Dormindo no ponto

São muitas as queixas dos usuários do transporte coletivo que, mesmo sinalizando para os ônibus pararem, não são atendidos. Têm de esperar o próximo. É preciso que as empresas apurem se são casos isolados de motoristas atrasados (em ambos os sentidos) ou se há um relaxamento nas obrigações.

Ontem, às 11h30min, o ônibus da Tusmil, placa HDI 2757, negou-se a parar em dois pontos seguidos da Avenida Rio Branco.



O poeta Rangel Coelho, que viveu 97 anos, dizia que, sem ter sido contemplada como belezas naturais, Juiz de Fora pode, pelo menos, orgulhar-se dos seus entardeceres, quando uma mistura de cores em tonalidades tristes mostra a última tentativa do dia para não sucumbir sob a noite que vai chegando. A foto de Luiz Carlos Duarte diz tudo.

Fornecedores Menos trens Guerra perdida

A prefeitura, com o caixa minguido, enfrenta dificuldades com fornecedores, que querem receber o que lhes é devido, antes de retomarem o suprimento.

Quando assumiu seu segundo mandato, o prefeito Tarcísio Delgado pagou a todos os fornecedores, de uma só vez, com todo o dinheiro disponível. Ganhou o aplauso das empresas, mas passou por maus momentos para honrar as folhas dos servidores.

É de 40% a redução do tráfego ferroviário na zona urbana de Juiz de Fora, porque foi também esse o percentual de queda na carga de minérios transportada. Com menos trens trafegando, caíram os problemas nas travessias, um sinal de que é realmente importante e necessária a construção de viadutos ou mergulhões, tão prometidos na última campanha eleitoral.

Não são capazes de dizer publicamente, temendo represálias dos colégios em que trabalham, mas agora são os próprios professores, não apenas os pais, que se escandalizam com os desperdícios das listas de material escolar. Muitos pais queixaram-se e reclamaram providências. Como sempre, perderam a guerra, e voltarão a perdê-la no próximo ano letivo, porque não há lei que os proteja.

Com a redação

Tudo como em novembro

De volta à Europa, após breve passagem pelos Estados Unidos, observo que não ocorreram mudanças importantes que pudessem alterar o que aqui observei em novembro do ano passado: a crise financeira, que já então se espalhava pelo mundo, ainda não sinaliza luz no fim do túnel, e os europeus sabem, tanto quanto nós, que o generoso socorro que os governos têm dado aos bancos não é suficiente para conter, muito menos debelar a crise.

No ano passado, depois de quatro semanas andando por capitais do Velho Mundo, escrevi aos meus leitores, dizendo que a situação estava se agravando e que certamente iríamos sentir dores agudas. Destes mesmos lugares, lamento dizer que em nada se alterou minha expectativa, porque a injeção de fabulosas quantias em dinheiro constitui remédio de efeito localizado: serve apenas para evitar que as instituições financeiras

não espalhem ainda mais os prejuízos de produtores e investidores. Não são injeções produtivas. Aliás, resta uma expectativa, que, a bem pensar, é mais uma esperança que outra coisa qualquer. Trata-se da novidade: o presidente Obama. Mas até que ponto é justo esperar dele tanto em tão pouco tempo?

Acabo de ler que o presidente Lula, na sua proverbial capacidade de dizer com simplicidade as coisas mais graves do mundo, sentenciou que os países ricos criaram a crise; portanto, eles que cuidem de dissipá-la. O que é rigorosamente justo, embora distante do real, porque os ricos sabem como se desvencilhar e atirar sobre costados alheios as más coisas que costumam obrar. Infelizmente é assim; e, sendo assim, bom que nosso governo cuide de blindar a economia, para que sofram o mínimo possível.

O.P.